Nova realidade

Os argentinos ainda vivem dias conturbados por conta de uma das mais sérias crises que o país vizinho já enfrentou. As conseqüências, muito duras, são conhecidas, estão diariamente na TV, nos jornais e revistas. Enorme desemprego, desestruturação do pequeno e do médio comércio, desestruturação da indústria, empobrecimento generalizado, saques, panelaços, Estado com fortes dificuldades fiscais e cambiais. E uma grande frustração dos que imaginavam ter tantos dólares no banco descobrirem de repente que, com sorte, têm a metade disso, que sequer está disponível para saque imediato. Na verdade, estes estão entre os menos prejudicados.

A mentira cambial que os argentinos viveram por mais de uma década foi o estratagema empregado para superar um outro megaproblema, a hiperinflação que corroía a economia.

Como medida de curto prazo, para realinhar os preços relativos, a paridade cambial é um recurso válido. Mas não pode virar regra constitucional. Papel aceita tudo, diz o velho ditado. Mas a realidade não se submete a regras erradas, ainda que escritas na Constituição.

No Brasil, vivemos delírio cambial semelhante, embora por prazo bem menor e de modo bem menos rígido do que o imposto à Argentina. As conseqüências temos ainda em mente. Foi a época da âncora verde, quando foi infligido ao agronegócio brasileiro enorme sacrifício e as gôndolas dos supermercados passaram a abrigar grande quantidade de produtos importados, em operações viabilizadas pela sobrevalorização do real, muitas vezes em adição aos efeitos do subsídio concedido nos países de origem. Felizmente, o pesadelo acabou.

Esperamos todos que a Argentina reencontre seu rumo. Volte a crescer, a trabalhar, a exportar, a produzir. Equacione a crise econômica, social e política que hoje enfrenta.

Porém, quando isso acontecer, o Brasil deverá estar preparado para viver a nova realidade. Com a taxa de câmbio peso-dólar em nível correto, crescerá muito a competitividade de vários produtos argentinos, principalmente produtos do agronegócio, onde Brasil e Argentina são líderes mundiais.

Isso não é necessariamente mau. Diversos segmentos do agronegócio brasileiro que estavam mais voltados ao mercado interno antes da abertura comercial dos anos 90, quando expostos à competição com o concorrente importado, ganharam muito, tanto em qualidade quanto em competitividade, e hoje disputam espaço no mercado externo.

Dois exemplos óbvios são o vinho e a maçã produzidos no sul do país. Mas há contra-exemplos, como a produção de arroz no Rio Grande do Sul, seriamente comprometida pela competição dos países do Mercosul e dos produtores do Centro-Oeste e, como se não bastasse, por sucessivos problemas climáticos.

Com a desejável normalização da economia argentina, diversos segmentos do agronegócio brasileiro, principalmente das unidades localizadas no sul do país, precisam se antecipar, pois sofrerão séria competição dos argentinos. Quais são eles? Todos aqueles em que a Argentina tradicionalmente tem bons padrões de competitividade. Carnes e lácteos, para citar dois óbvios. É hora de exercitar a criatividade e de se adaptar desde já à nova realidade que se avizinha.

